

A ORIGEM SECRETA DOS CIGANOS



COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

Revista Graal - Número especial - 3ª edição

© Comunidade Portuguesa de Eubiose

Autorizada a reprodução parcial desde que citada a origem

Olímpio Neves Gonçalves

A ORIGEM SECRETA DOS CIGANOS

Palestra proferida no dia 22 de Março de 1992

na

Sociedade Portuguesa de Naturalogia



A ORIGEM SECRETA DOS CIGANOS

Prezados Amigos,

Iniciaremos nossa palestra com um poema de um cigano ilustre, um investigador da Academia das Ciências Soviéticas, LEKSA MANUSH:

NO COMEÇO

No começo era uma palavra
E esta palavra era: ROM
E esta palavra era com o Rom.
Tudo o que veio
Veio desta palavra
Veio deste ROM.

O que se sabe é que nós somos Rom
Que errámos ao longo das estradas
E cumprimos as nossas coisas de ciganos
e dormimos fora, à noite.

O que se não sabe...
Ó país da velha cultura!
Índia! Onde está o teu sol?
Está envolto pelo fumo dos séculos.
Nós te perdemos atrás de nós!
País e soberanos mudaram-se à nossa volta...
Estradas e caravanas e cavalos passam
Através dos campos, areias e florestas...

Ó História! Como na caldeira
Onde os países fervem
Tu repudiaste a família cigana!
Tu queimaste seu coração de fogo...

Como diz Manush, "o que se sabe é que errámos ao longo das estradas, que se cumpriram as suas coisas de ciganos, que dormiram fora, à noite..."

No poema deste cigano está contida e condensada toda a tragédia dos Rom, a nostalgia da sua pátria perdida (o país da velha cultura, encoberto pelo fumo dos séculos), a sua errância (ao longo das estradas), a maldição lançada sobre a sua raça (Ó História, tu repudiaste a família cigana! Tu queimaste seu coração de fogo), da sua esperança última (país da velha cultura, onde está o teu sol?).

Fundamentaremos este trabalho nestas linhas de força essenciais em que tentaremos aflorar uma problemática assaz complexa. A tradição dos ciganos constitui no seu todo uma tradição oculta, crepuscular. A sua idiossincracia mágica, de carácter anímica, tão singular na sua afirmação, tão distante dos conceitos e *modus-vivendi* dos arianos, diríamos, judaico-cristãos, dificulta qualquer propósito de investigação sincera, qualquer tentativa de penetração por parte dos "gadjos", dos "payos" que somos, os estranhos, como eles nos chamam.

O cigano é uma constante social no quotidiano de todos os povos, que permanece, quase mau grado para muitos, um referencial bem vivo na vivência de todos nós. Com excepção feita, provavelmente ao Japão, encontram-se dispersos por todo o mundo. O seu número estima-se em cerca de quatro milhões de almas. Em Portugal a população cifrar-se-á pelos 25 000 indivíduos, distribuídos pelas mais variadas regiões do território nacional.

Contrariamente ao que muitos julgam, a raça cigana distribui-se por várias etnias:

1ª Etnia - os ROM:

Kalderash

Lovara

Tchuara

distribuídos pela Moldávia, Valáquia, Roménia e Hungria

2ª Etnia - os MANUSH ou SINTI:

Manush - Alemanha do Sul, Alsácia, Prússia e França

Sinti - Piemonte

3ª Etnia - os GITANOS: Vindos do Egipto para a Península Ibérica, África do Norte e Sul de França

4ª Etnia - os YENISH: Considerada inferior pelas outras etnias, pela sua condição híbrida e aparecimento tardio.

Disseminados pelo mundo, aos ciganos são atribuídos diversos nominativos, através dos séculos. Para uns, são os Boémios, para outros Egípcios, Gitanos, Agarianos, Calés, Zíngaros, Rom-Kali, etc.

Estes nomes são-lhes atribuídos em função do seu aparecimento tardio. A sua origem constitui, de facto, um problema difícil de resolver pelos ciganólogos mais conspícuos, pois nenhuma prova se mostra conclusiva, dada a carência de documentos num povo que não possui uma tradição escrita. O estudo sistemático da etnia cigana, dum povo sem história, torna-se uma empresa paradoxal, porque se a sua história se mantém, de geração em geração, ao nível meramente oral e encoberta pelo manto do sigilo e do secretismo, então poderemos afirmar, entre outros, que um povo sem história, porque cortou com a sua história ao iniciar a sua diáspora, é ele mesmo a sua história.

Segundo Efin Druts, a mais antiga referência conhecida sobre a origem dos ciganos é feita num poema intitulado "Shahname" do séc.V D.C. e da autoria de Firdusi. Mas foi no início do séc. XV que eles se espalharam pela Europa. Surpreendidos, os países europeus viam chegar estes bandos de viajeiros, morenos e desconhecidos. Hordas nómadas, sem religião conhecida, apesar de se confessarem cristãos, tribos vivendo de uma forma endógama, servindo-se de "sinais" estranhos para fazer adivinhação.

Donde vinham eles? De que mundo desconhecido viriam estes seres como autênticos "fragmentos vivos", no dizer do Hierofante da Eubiose?

Tal como os judeus, este povo parece carregar um fardo bem pesado sobre as costas, uma trágica maldição que o persegue desde as sombras misteriosas da sua origem. Não teria este povo, à semelhança dos judeus, traído um salvador moribundo que os condenara a marchar sempre e sempre, numa perpétua errância? Não constituiriam, acaso, o resto das dez tribos de Israel perdidas no cativoiro? Não deixa de ser sintomático que, tal como no séc. XV, ainda contemporaneamente as dúvidas subsistam. A ordem negra dos nazis, a ordem de Tule, sustentava que os ciganos teriam sido os responsáveis pelo dilúvio e que, cumulativamente com os judeus e os antepassados arianos, seriam o seu povo remanescente.

A sua chegada à Europa reveste-se de factos deveras singulares, intrigantes. Uma vez na Roménia, a cidade de Kronstadt fornece uma certa quantidade de dinheiro e outras dádivas, isto em 1416, ao "Senhor Emaús do Egipto e seus cento e vinte companheiros" ciganos.

Em 1417, o cigano "Voivoide" (Chefe) Ladislau, acompanhado de uma centena de indivíduos, recebe de Segismundo, Imperador da Alemanha, uma carta de recomendação e de protecção, a fim de que fossem devidamente aceites "se o dito Ladislau e o seu povo se apresentar em qualquer lugar do império".

A "Crónica de Bolonha", de um anónimo, relata-nos a chegada a Bolonha, a 18 de Julho de 1422, de um duque do Egipto, de nome André, proveniente desse país e acompanhado por um grupo de cem pessoas, constituído por crianças, mulheres e homens. Esta curiosa crónica, assim como uma outra de que adiante falaremos, é um dos referenciais responsável pela criação dos mitos e rumores que se difundiram através dos tempos e que nos dão alguma ideia sobre a capacidade de engenho deste povo para camuflar a sua verdadeira identidade e a verdade da sua origem, a par de um invejável e sarcástico sentido de humor frente aos crédulos e ingénuos "gadjos" da idade-média.

Relata-nos a crónica que, tendo os recém-chegados renegado a fé cristã, foi o duque preso pelo rei da Hungria e expatriado das suas terras. Arrepentido, declarou ao rei a sua intenção de reconverter-se à fé cristã, o que fez, baptizando-se a si e a cerca de quatro mil pessoas. Houve outros dos seus, porém, que se negaram à conversão, tendo sido mortos impiedosamente. Além disso, como castigo, o rei da Hungria ordenou-lhes que peregrinassem pelo mundo durante sete anos e que, a menos que se dirigissem ao Papa, em Roma, não poderiam regressar.

Uma outra crónica, coeva, escrita por um outro anónimo francês, concorda em certos detalhes e pormenores e revela-nos como esta autêntica narrativa simbólica, de ficção, estava bem urdida pelos espertos itinerantes.

"A 17 de Agosto, um domingo, chegaram aos arredores de Paris treze deles, dizendo-se **penitentes**^(*), a saber: um duque, um conde, uma dama e mais dez homens, todos eles a cavalo, dizendo-se bons cristãos e originários do baixo Egipto. Eles afirmam ter sido **bons cristãos outrora**, que inúmeros outros os subjugaram e levaram ao cristianismo. Os que se recusaram foram mortos, mas os que se fizeram baptizar tornaram-se senhores do país, jurando

(*) Os realços são nossos

conservarem-se leais, bons e guardarem a fé de Jesus Cristo até à morte. Dizem mais: **que têm um rei e uma rainha** em seu país, que residem num rico palácio, além de outras propriedades, por se terem volvido cristãos. E por isso, acrescentam, algum tempo depois de nos termos feito cristãos, os sarracenos vieram assaltar-nos. Grande número, pouco firme em nossa fé, não resistindo à guerra, não defendendo o seu país como devia, submeteu-se, fez-se sarraceno e abjurou nosso **Grande Senhor**.

Assim, dizem eles, o imperador da Alemanha, o rei da Polónia e outros senhores, tendo sabido que os mesmos renunciaram tão facilmente à fé, fazendo-se logo sarracenos e idólatras, investiram contra eles, vencendo-os facilmente, como se tivessem o propósito de deixá-los em seu país para levá-los ao cristianismo. **Mas o imperador e outros senhores**, por deliberação do conselho, estatuíram **que eles nunca mais poderiam voltar ao seu país, sem consentimento do Papa**. Que, para isso, deviam ir a Roma, o que de facto fizeram grandes e pequenos com enormes dificuldades para as crianças.

Ora, confessando o seu **grande pecado** ao Papa, que os ouvira com atenção e paciência, lhes dera uma penitência, por deliberação do concílio, de andar sete anos pelo mundo, sem fazer uso da cama, nem de outros objectos necessários ao homem. Outrossim, que os bispos e os abades por onde passassem lhes entregassem dez libras tornezas, como um auxílio para as suas despesas. Entregou-lhes cartas para os mesmos, onde tudo era relatado, além de abençoá-los."

E continua a crónica:

"Alguns dias depois, dia de S. João Bivac, isto é, a 29 de Agosto, chegou o povo comum, que não teve permissão de entrar em Paris mas, por justiça, foi alojado na Capela S. Dinis. Eram cerca de 120, incluindo mulheres e crianças.

Eles afirmam que **deixando o seu país** se compunham de mil e duzentas criaturas, pois o restante morrera pelo caminho, como o rei e a rainha. Que os sobreviventes esperavam **ainda possuir bens nesse mundo, porque o Santo Padre, depois de saber do seu crime e onde se dera... lhes prometera país bom e fértil, logo terminada a penitência**."

Esta narrativa fornece-nos alguns aspectos assinaláveis que procuraremos evidenciar, pois uma análise comparativa com outros factores de investigação conduzir-nos-á à conclusão de que estes relatos, feitos por transmissão oral, têm carácter criptológico.

Na "Crónica de Bolonha" fala-se da chegada de um "Duque do Egipto". Outros textos fazem referências análogas. Alguns ciganólogos opinam que os ciganos sejam originários do Egipto. Adolfo Coelho escreve que "os ciganos em geral diziam-se vindos do Egipto, daí o nome de gitanos que têm em Espanha, de Gipsies que lhes dão os ingleses, de Gústoi usado pelos gregos". Lorenzo Palmireno, citado por Leão Maia, dá-nos uma explicação bem interessante: "fingem que saíram do Egipto menor e que têm uma peregrinação por penitência (...) Um homem douto falou com eles na língua do Egipto e dizem que, como saíram de lá faz muito tempo, não o entendiam".

É possível que os numerosos grupos de ciganos que permaneceram na Hungria ou atravessaram Bolonha e Paris procurassem aproveitar-se da circunstância dos peregrinos em romagem à Terra Santa gozarem de muitos privilégios e auxílios, o que os terá induzido habilmente a criar o mito da sua origem egípcia e da sua conversão ao cristianismo.

A maioria dos ciganólogos é propensa a crer que os ciganos procedam da Índia. Jean-Marquès-Rivière considera que "o tipo racial dos Boémios, o seu conhecimento das coisas mágicas, a sua especialização imediata no domínio das ciências ocultas, tudo isso os classifica entre certas castas de feiticeiros da Índia". É, de resto, a tese defendida por Friedrich Pott, um especialista em etimologia, na sua obra "Os Ciganos na Europa e na Ásia". Pott defende que o idioma dos ciganos é uma das novas línguas indianas, modificada pela assimilação activa de elementos linguísticos com que eles se confrontaram nas suas migrações. A verdade, comprovada cientificamente, é que, quer a estrutura gramatical, quer o vocabulário da língua cigana fundam as suas raízes no sânscrito, tal como algumas línguas ainda vivas do mesmo grupo, como o Hindi, o Guzarati, o Marathe, o Cachemiri, segundo constata F. Vaux de Folitier.

Que a estrutura idiomática dos ciganos derive, de qualquer modo, do sânscrito é, já em si, bastante significativo. Comprovada cientificamente esta procedência, não deixaremos de recordar que o sânscrito tem uma conotação profunda com o idioma sagrado dos iniciados, o *senzar*, assim como o *Vattan*, a linguagem falada pelas hierarquias dos mundos subterrâneos.

O grande alquimista contemporâneo, o misterioso autor de "O Mistério das Catedrais", Fulcanelli, afirma que "a linguagem dos pássaros, dos deuses ou do coração (segundo os antigos Incas), numa palavra, a Gaya-Ciência, está hoje desaparecida" e que, "a não ser entre Filósofos e os Diplomatas (entenda-se, os alquimistas e cabalistas), além do argot, só se encontra o seu carácter em alguns idiomas locais, tais como o picard, o provençal e o *dialecto dos Gípcios*, dos ciganos". Por outro lado, Naillant, o autor da "História dos

Rom-Muni" inclui-os numa "casta sacerdotal do mundo", o que não deixa de causar surpresa, à primeira vista, dada a aparente degradação deste povo itinerante, sem tradição histórica reconhecível e sem qualquer religião ou filosofia conhecidas.

Se atentarmos devidamente nas palavras do senhor Naillant e na asserção do Adepto Fulcanelli, começamos a erguer um pouco o enigma da tradição iniciática dos ciganos e da sua origem ancestral. O próprio título da Obra "dos Rom-Muni" nos indica um caminho, pois na linguagem dos "diplomatas", ou seja, da cabala fonética, Rom e Ram aparentam-se e Muni significa, entre outras coisas, "gente", "sábio". Teremos assim "gentes de Ram", ou mesmo, em referência à casta sacerdotal, "sábios de Ram" ou do reino solar, gente que fala um idioma que deriva da Gaya-Ciência, o idioma sagrado dos Adeptos.

Mas, onde está a verdade cigana? "Romani istina kaj si?", pergunta o poeta zíngaro RASIM SEJDIC:

Onde está a verdade cigana?	Romani istina kaj si?
Tão longe quanto me lembro	Otzad dzanav andar ma
Vou com a minha tenda pelo mundo	Tsahentza po tem pirav
Procuro amor e afeição	Rodav ljevav te zagriljaj
Verdade e fortuna.	Cacipe taj sreca
Envelheci na estrada	Purilem e dromentz
Não encontrei o verdadeiro amor	Ljubav ni maraklen caco
Não ouvi a palavra justa.	Caco alav ni asnudem
A verdade cigana, onde está?	Romani istina kaj si?

Muito poucos saberão, mas existe entre a classe patriacal dos ciganos uma divisa muito especial:

"KAMA-MARA GIGO ASGARDI"

que significa literalmente "O Povo eleito da Terra Sagrada". Mas a terra sagrada identifica-se aqui com o termo Asgard, que significa isso mesmo, terra sagrada. E

Asgardi é um dos vários topónimos de Agarthá, como Agarthi, Albordi, Walhalla, o Reino da Bela-Aurora, dos mundos intra-terrenos. E não é por acaso que a tradição dos Rom mantém que o seu verdadeiro país é celeste e que aí regressarão um dia.

Na crónica francesa, que comentámos, existem várias menções metafóricas que nos conduzem no mesmo sentido. Isolaremos as mais significativas.

- dizem-se os ciganos "penitentes";
- Afirmam ter sido "bons cristãos, outrora";
- que têm um "rei e uma rainha";
- que abjuraram o seu "grande senhor";
- que o "imperador", por deliberação do conselho, estatuiu que eles "nunca mais poderiam voltar ao país sem o consentimento do Papa";
- que confessando o seu "grande pecado" ao Papa, este, em concílio, os condenou a peregrinar "sete anos";
- que "deixando o seu país", esperam "ainda possuir bens nesse mundo, porque o santo Padre, depois de saber do seu crime e onde se dera... lhes prometera país bom e fértil logo terminada a penitência".

Imaginaremos, então, reconstituir a verdade histórica sob o véu alegórico da narrativa cigana, divulgada durante a idade-média.

"Era uma vez um povo de semblante nobre, tez morena e de cabelos e olhos profundamente negros, que vivia numa região da Terra Sagrada chamada Asgardhi, a Bela-Aurora da Tradição Primordial.

Esse povo vivia, outrora, como bom cristão, quer dizer, de acordo com as leis justas e sábias promulgadas pelo supremo Manú, o Suzerano de todo o povo agartino, um patriarca de origem divina.

Aí, aprenderam os mistérios divinos da natureza e da alma dos seres, aí desenvolveram o conhecimento das artes ocultas e mágicas das coisas, a arte subtil de "ver" e do saber premonitório.

Um dia, este povo que havia começado a utilizar seus conhecimentos ocultos e práticas mágicas de forma abusiva e indevida, ou seja, contra a ordem e harmonia estabelecidas, entrou em rebelião, negando a lei vigente e abjurando os seus senhores, o rei e a rainha. Este, o imperador, reunido em conselho,

deliberou que o seu povo extraviado do recto comportamento fosse expulso e não mais voltasse ao seu país de origem sem o consentimento do Papa, o Divino Suzerano de Agarthá.

Dirigiu-se este infeliz povo ao Patriarca ou Rei Divino, confessando-lhe o seu grande pecado, mas Ele e seus Iniciados, reunidos em concílio, condenou-os a peregrinar durante sete anos – um ciclo cármico de regeneração – exilando-os da sua pátria.

Mas o cigano, na cintilação de fogo nostálgica e "rom-mântica" com que olha o sol e a distância infindável das suas estradas, sustenta ainda uma réstia de esperança e de sonho no seu coração amargurado, porque o Santo Padre, o Pai Divino, após saber o seu crime e o país onde se dera, lhes prometeu o seu regresso à casa perdida, ao país fértil e bom, logo que termine a sua penitência, como filhos pródigos e recuperados."

Pura imaginação? Exercício gratuito sob a pragmática realidade dos textos? Haveria perigo de sê-lo, não fôra a revelação dum documento tradicional, genuíno, da tradição oculta dos ciganos, que nos vem confirmar a asserção categórica formulada, desde há muitos anos – e pela primeira vez publicamente, cremos – pelos ensinamentos da Eubiose, de que a RAÇA CIGANA É ORIUNDA DOS MUNDOS INTRA-TERRENOS.

Este documento fundamental é o Tarot iniciático dos Rom. Os ciganos dispõem de vários tarots que, segundo afirmam, derivam dos "chaturangas" que os príncipes rajputs faziam pender sobre discos de nácar ou de couro. Mas não é a estes tarots exotéricos ou baralhos que nos referimos.

Se é certo que os ciganos não possuem uma tradição escrita, a tradição que lhes subjaz mantém-se estável, perene, nas imagens impressivas do seu Tarot esotérico. A mensagem perpetua-se neste verdadeiro Mutus Liber, livro mudo composto por 22 lâminas principais, mais eloquentemente que por qualquer livro escrito.

As imagens deste Tarot críptico, como todos, agora dados à estampa – talvez porque os tempos são chegados – por Tchalai, estas imagens, dizíamos, vêm-nos de um outro sistema de pensamento e dimanam delas uma força interior intensa. E se esta herança que os ciganos nos legam representa a síntese paradigmática da sabedoria imemorial dos Rom, então, de ora em diante será também pertença de todos nós.

O Tarot cigano revela uma concepção de tipo não analógico, profundamente original, que não é cópia ou interpretação, através de novas

figuras, de qualquer Tarot conhecido da tradição ocidental. A significação dos símbolos inscritos em cada lâmina corresponde a um arquétipo oculto, conservado, até hoje, com desmedida paixão e transmitidos apenas aos que se chamam a si mesmos, de "Romanê Chanê", os Irmãos Rom ou Irmãos Homens.

Ora é, precisamente, nas lâminas do Tarot dos Rom que encontramos a confirmação daquilo que, como eubiotas, afirmámos atrás. Um dos arcanos denomina-se "AGGARTTI" e alude, sem qualquer margem de dúvida, a Agatha. Vejamos a descrição que Tchalai faz deste arcano.

"A imagem, perfeitamente simbólica, mostra o olhar da verdade que se abre no país oculto. Sete estrelas lembram-nos que o Cosmos, dádiva perpétua, é o teatro da nossa demanda. As cortinas da aurora boreal, por cima, acentuam esta ideia para indicar o eixo da terra e o movimento da luz. A nossa tradição de Aggartti é extremamente secreta. É necessário que nos sentemos junto a uma árvore, num estado de abandono total. Então apercebemo-nos da abertura para um caminho que se afunda na terra. Passagem estreita, reduz-nos a nós mesmos. Nossas vestes rompem-se, nossos membros desnudam-se e a angústia incita-nos a rojar-nos na sombra com a respiração suspensa, sem nada ver. Parar, significa morrer. Trata-se de uma situação horrível que parece não ter saída. Entretanto, de negro baço as paredes volvem-se num negro brilhante, iluminam-se depois, tornando-se coloridas como um arco-iris. A cabeça e os ombros emergem num túnel mais vasto, o qual se abre para uma ampla sala. O corpo descontrai-se, o ar torna-se fresco e perfumado. A mão pousa-se sobre um livro que não se pode ler mas que, por contacto ou por infusão, comunica a sua substância. Ela ensina como deixar de sentir fome, como não sentir mais sede. Depois, o sono... e a biblioteca imensa que se desenvolve em espiral, essa biblioteca onde os livros não são livros, mas lições, coisas, lugares, seres, conduz-nos aos 4 000 sábios, depois aos 400 sábios, depois aos 40 sábios, depois ainda aos 10 sábios, e parece que, no alto, nos apercebemos que esta austeridade esconde um jardim, grande como o cosmos, onde reside o THAGAR LUMEAKI, o muito real Rei do Mundo".

Julgamos justificada esta algo extensa descrição da lâmina "Aggartti" extraída do Tarot zingaro. Aquilo que nos parecerá uma pura transcrição simbólica, quando possuímos a chave de interpretação, quando, como Colombo, sabemos colocar o "ovo" de pé, revela-se-nos duma objectividade surpreendente e de uma eloquência inequívoca, ao mesmo tempo que fascinante, pela sugestão da atmosfera recriada e da autenticidade da experiência mística que propõe.

Só um Mestre, somente um verdadeiro Adepto Rom poderia fornecer uma tal descrição deste arcano, e isto nos confirma que a sabedoria iniciática dos

ciganos enraíza na fonte mais pura da Tradição Primordial e que a vivência, o contacto deste povo misterioso com os mundos interiores não é mera fábula, mas memória omnipresente, herança colectiva que modela, norteia e alimenta a sua própria realidade existencial, que condiciona a vida e a morte deste povo errante e disperso.

O tempo de que dispomos impede-nos, infelizmente, de desenvolver aqui o tópico de Aggartha. Já por diversas vezes aludimos a este fascinante tema noutros trabalhos. Tomo a liberdade de vos remeter para eles, se o desejardes.

Não deixaremos, contudo, de tecer alguns comentários às referências simbólicas deste arcano. Destacamos o conjunto das sete estrelas que "nos lembram o teatro da nova demanda" (sic) e expressam os sete continentes ou "dwîpas" em que se divide o mundo agartino; a aurora boreal provocada pela refração da luz solar interna, que induz esse fenómeno frequentemente sobre a zona polar (indicando o movimento da luz), (sic); o olho que se abre para o país oculto e significa a visão da verdade, ou seja, a clarividência espiritual; o estado de projecção consciencial necessário à deslocação a Aggartha; a embocadura para o caminho que conduz ao interior; o livro que comunica a sua substância por infusão e que é uma clara alusão àquilo que os iniciados de Aggartha denominam de "Livro de Kâmapa" ou Livro da Vida; a imensa biblioteca disposta por graus de acessibilidade iniciática, simbolicamente descrita em espiral; enfim, o jardim, mitologicamente conhecido como o Jardim do Eden ou de Edom, esse paraíso confabulado por todas as tradições, onde reside o "Thagar Lumeaki, o muito real Rei do Mundo" (sic) que mais não é do que o muito excelso Sanat Kumara, a manifestação do Logos, que tem como residência a Paradesha Imortal, a Shamballah.

Aconselho-vos a análise do Tarot cigano. Não perdereis, por certo, o vosso tempo. Aí encontrareis arcanos como "Thagar Lumeaki" o Rei do Mundo; "O Geape Vimanaki" (o Regresso do Vimana), sim, da nave espacial, utilizando um termo que coincide de forma exacta com o que consigna o texto milenar "Mahabaratha" dos hindus; a lâmina "Puskaria" que se refere, para nosso espanto, quase *ipsis verbis*, ao nome da principal metrópole de Aggartha; o arcano "Shamballa" (o vale da felicidade), que simboliza a Cidade dos Imortais ou dos Deuses, morada do "Adolescente das 16 primaveras"; e, finalmente, a "E Phuri Dai" (a que sabe), expressando a deusa Maya, o princípio feminino alegorizado pela Mãe Universal.

Eis uma lâmina muito importante para a nossa tese, esta "Phuri Dai", porque em cada grupo cigano, itinerante ou não, existe sempre uma mulher, geralmente anciã, sem cuja opinião nenhuma decisão é tomada. Ela conhece o

nome secreto de cada um. Chamam-na frequentemente de "Bibi", a Tia, a Sacerdotisa.



Existe uma simbiose profunda entre a Grande Mãe, a "Phuri Dai", a Virgem Negra e a Terra, entre os ciganos. Esta analogia está bem patente numa litania fúnebre entoada tradicionalmente pelos Rom:

"Teu Ventre não está frio
Sara
Dele saíram pequenos sóis.
Tua vida decorre, Sara
No calor dos sóis
Que teu Ventre colocou na Terra.
A Terra abre o seu ventre
Para te receber, Sara.
Foste um desses pequenos sóis
Que ela deu à luz.
Todos devem voltar para a sua mãe,
Sara."

Sara, sabemos, é a personificação da Virgem Negra, entre os ciganos. E a Virgem Negra representa o Ventre da Terra, o mundo subterrâneo, ctoniano, que jaz sob a realidade aparente. As deusas-Mãe negras simbolizam o mundo lunar, interior, das coisas. O negro é a cor da grande obscuridade matricial, uterina, gestadora, onde se processa toda a criação e regeneração.

Orfeu entoava: "Eu cantarei a noite, mãe dos deuses e dos homens, a noite, origem de todas as coisas criadoras". Nos "Cânticos de Salomão" poderemos ler: "Não olheis por eu ser negra, porque o sol resplandeceu sobre mim", "sou negra, mas formosa", nigra sed formosa...

O mistério das Virgens Negras! A esplêndida luz da obscuridade que irradia delas desde a noite dos tempos, através de Isis, das Demeteres, das Afrodites negras, ostentando no enigma das suas feições hieráticas o segredo da vida, da morte, da ressurreição iniciadoras! Acaso não foram elas cultuadas pelos

egípcios, pelos druidas, pelos hindus, pelos alquimistas das mais remotas idades, como corporização do princípio feminino, a matéria-prima da arte real, a substância universal ou Kali, a sempre virgem e pura?

Dentro do respeito votado pelos ciganos a certos santos da igreja cristã às cerimónias religiosas, peregrinações e festas importantes, numa aparente adaptação local às diversas práticas, a raça cigana conserva habilmente a integridade da sua Tradição. A sua devoção, toda especial, dedicada à Virgem, configura tão somente a necessidade de exercerem o seu próprio culto, sem molestarem o status dos povos em que permanecem integrados.

O seu culto não se dirige a uma qualquer virgem da hagiologia cristã, mas para as virgens negras, nomeadamente para Sara, não uma santa mas uma serva. E é tanto mais de estranhar, porque no universo mariano da cristandade as hierarquias eclesiásticas sempre pugnaram pela destruição e desaparecimento destas imagens, quando puderam. Sara, a Virgem Negra, representa para a raça cigana o símbolo da Mãe, da Mulher, da Irmã, da Rainha, a "Phuri Dai", a "Bibi" secreta e divina dos Rom do mundo inteiro.

É durante o séc. XV que começa a circular a lenda das Três Marias. Pouco depois da crucificação, Maria Madalena, Maria Jacobé e Maria Salomé foram embarcadas num barco sem velas e sem remos, para escapar à perseguição dos judeus. A barca, à deriva, acabou por aportar à Provença, numa praia próxima da foz do Pequeno Ródano, onde hoje se situa Saintes-Maries-de-la-Mer.

As Três Marias estavam acompanhadas por José de Arimateia, Lázaro e pela serva Sara, de tez escura, entre outros. As santas Marias são cultuadas, hoje, na Igreja de Saintes-Maries-de-la-Mer, mas a devoção dos ciganos vai para Sara, a humilde serva negra, para a sua imagem, que se encontra na cripta do templo. Todos os anos, gentes ciganas, provenientes de todos os cantos do mundo, de 24 a 25 de Maio, prestam o seu culto a Sara, oferecendo-lhe flores, rendas, jóias e círios. Eles integram-se na célebre procissão anual, mas sabe-se que este povo nómada celebra aí, afastado dos olhares profanos, certas cerimónias



secretas ao amanhecer, perto das marismas, em torno de um fogo mágico, cerimonial.

Segundo a sua tradição oral, Sara, a Kali, a Negra, vivia no início da era cristã na Provença, onde dirigia uma tribo dos Rom, grandes adoradores do sol. Um dia, uma voz anunciou-lhe a chegada das Marias santas, expulsas da Palestina. Então, impelida por uma força misteriosa, reuniu sua tribo de Rom, foi ao seu encontro e, vendo a embarcação, estendeu o seu manto sobre as águas, reunindo-se às santas, que a baptizaram.

Até aos nossos dias, a Camarga, na região do Languedoc, é a terra por excelência dos ciganos franceses e ponto de convergência dos Rom de todo o mundo, verdadeira meta de peregrinação dos ciganos, pois é aí onde se encontra Sara, a sua Kali. Mas em qualquer lugar onde se encontre uma Virgem Negra ele se converte num ponto de encontro ou de peregrinação, como a catedral de Chartres, a catedral de Santiago de Compostela, a Virgem morena de Sevilha.

Os cultos, as cerimónias, o próprio escalonamento social e suas funções são ditadas por uma magia natural, operativa, que se insere numa praxis vivida na natureza com que privam constantemente, numa empatia anímica que regula todos os seus actos e costumes tradicionais e os diferencia, numa recusa persistente, aos modelos convencionais dos "gadjos".

O facto de um cigano se transformar num kakou, feiticeiro-curandeiro, um Homem-Árvore curador de almas ou uma "ledora" visionária de cartas, das linhas das mãos, dos signos astrais, ou de um kaldeirash manipulador de fogo, não depende de meros factores casuísticos. O destino de muitos ciganos está marcado à nascença pelos astros, pelos ritmos energéticos das configurações das estrelas e pela tradição peculiar a certas tribos.

É o caso das crianças com "marca", crianças que nascem com sinais de uma estrela, de uma ferradura e outros estigmas significativos e reconhecidos que, logo à nascença, decidem do seu futuro. O segredo das crianças estigmatizadas, mantido secreto por tabus ancestrais regulados pela magia, é extensivo a todas as etnias ciganas. Para elas, a criança predestinada volve-se no "Filho da Verdade", o "Filho do Pai", num futuro kakou ou feiticeiro. A sua importância é tanta que sua mãe será venerada toda a vida como símbolo da deusa-mãe, a virgem-mãe das catedrais.

Os equinócios e os solstícios determinam os futuros Homens-Árvore. Os Homens-Árvore são kakous que têm a particularidade de haverem nascido na hora dos equinócios ou dos solstícios ou, ainda, nos sete dias anteriores ou posteriores à hora exacta destas efemérides. Os equinócios e os solstícios caem

nos signos zodiacais de Carneiro, de Cancer, da Virgem e de Capricórnio. Na Tradição dos Rom estas datas correspondem aos dias do Carvalho, da Bétula, da Oliveira e da Faia.

Por isso, as crianças que nascem nestas alturas, tornar-se-ão futuros kakous com os nomes correspondentes destas árvores. O kakou-árvore haverá, naturalmente, de expressar as qualidades inerentes e os atributos iniciáticos reconhecidos à árvore que o identifica. Eis aqui o cerne de uma correspondência totémica que estabelece uma espécie de assimilação mágica, de aliança, de simbiose anímica entre a árvore e o kakou.

Contudo, o kakou-árvore distingue-se radicalmente do curador de mazelas físicas habitual. O poder do kakou é um fardo bem pesado, pois ele inculca a qualidade de penetrar os recônditos mais secretos da alma de cada um dos membros da tribo. O kakou-árvore priva, assim, de um estatuto singular, pois as medicinas que utilizará, sejam elaboradas das plantas, da argila, dos animais ou dos minerais, actuarão sempre, e de forma específica, ao nível da psique do paciente.

São vinte e quatro as árvores utilizadas por estes homens – um número que corresponde simbolicamente aos vinte e quatro anciãos do Apocalipse – mas apenas quatro árvores personalizam estes kakous.

Pierre Derlon, um dos raríssimos "gadjos" aceites pelos ciganos como um dos seus, refere este caso interessante: conheço um homem-carvalho, companheiro de um homem-oliveira que, todos os anos, no dia do equinócio, a 21 de Março, exactamente ao meio-dia, se encontra com um homem-bétula e um homem-faia na catedral de Chartres ou, então, na cripta de Sara, na Igreja de Saints-Maries-de-la-Mer.

Se estas quatro árvores adquirem especial relevo entre as outras vinte e quatro consideradas na tradição cigana, uma existe que nos merece menção mais atenta, o carvalho. Esta lendária árvore, importante para os ciganos devido ao visco e ao agárico que crescem na sua dependência e se nutrem da sua seiva, assim como da mandrágora que brota à sua sombra, simboliza para eles a árvore cósmica, um verdadeiro templo e oratório vegetais.

O carvalho é uma árvore sagrada em todas as tradições ocultas. Os celtas eram conhecidos como os "homens do carvalho" devido ao culto que lhe dedicavam e os seus sacerdotes druidas colhiam nele, também, o precioso visco com uma foice de ouro, ritualmente, durante o equinócio. Para os antigos, o carvalho simbolizava o eixo do mundo e foi junto desta árvore que Abraão recebeu as revelações de Jeovah, em Hebron. Mas também na tradição alquímica

o carvalho manterá uma inequívoca importância simbólica e operativa. O carvalho simboliza o atamor ou forno secreto dos sábios. Os velhos alquimistas consagraram o carvalho a Rhéa, a Terra, pois a Terra contém no seu ventre o forno cósmico oculto da actividade do seu agente ígneo primordial.

Estas analogias apenas poderiam surpreender, entre muitas outras que poderíamos evocar, se não soubéssemos já que a tradição dos Rom entronca profundamente na Sabedoria das Idades e são o



testemunho de que este povo em diáspora, apesar de todas as contrariedades e perseguições hostis, de tentativas espúrias de assimilação, tem sabido conservar, através de uma rígida ética endogâmica, os vestígios do seu esplendor antigo, da grande civilização hermética que é a sua pátria perdida.

Cristo, conhecido por algumas fontes de tradição como o Kalki-Avata, o Cavalo Branco – o cavalo, um animal tão amado pelos ciganos – é assimilado pelos ciganos instalados no ocidente a um Homem-Árvore. Eles sublinham certos aspectos da vida de Cristo, tais como o facto de ter expirado no tronco e nos braços de uma árvore e da sua entrada em Jerusalém acompanhado por milhares de ramos de oliveira e de palmeira.

Para os Rom, Cristo é um Homem-Carvalho, pois nasceu no solstício de Inverno, o qual corresponde a esta árvore. Ora, se o carvalho simboliza para os ciganos a árvore cósmica, o verdadeiro Templo vegetal, Cristo protagoniza para eles a Árvore da Vida e o Templo do Espírito. Não deixa de ser intrigante que na Catedral de Notre-Dame, em Paris, exista uma imagem de Cristo com folhas de carvalho saindo do seu corpo, muito frequentada pelos ciganos. Para os ciganos, Cristo é o grande Kakou da Palestina, um Feiticeiro Carvalho.

Derlon conta que um kakou de Arles lhe dizia: "O Cristo lia os pensamentos, curava os cegos, os paralíticos, amava os humildes e as prostitutas como Maria Madalena, amava os homens rudes como Pedro, os invertidos como

João. Não esqueças que seu pai era carpinteiro. Este Homem, meu filho, era um dos nossos, era um Homem-Árvore".

A extraordinária vitalidade de que são dotados os ciganos, a sua capacidade singular de adaptação às condições mais avessas de rejeição, de perseguição e até de extermínio massivo a que têm sido sujeitos através dos séculos – recordemos que os nazis em nome de uma pretensa raça "pura" fizeram perecer mais de 500 mil ciganos nos fornos crematórios – tem-lhes permitido salvaguardar no essencial a pureza dos seus costumes, do seu folclore, das suas actividades lúdicas, artísticas e culturais, a permanência das suas tradições secretas.

Melhor, o modo como têm sido interpretados muitos dos seus comportamentos, algo estranhos à maioria das populações, o desconhecimento de que têm sido objecto, o disfarçado receio que inspiram, os mitos que têm sido criados à sua volta, foram-se revelando o seu melhor escudo de protecção.

Mas os patriarcas dos Rom têm vindo a observar, com muita apreensão, diversos factores de degenerescência, visíveis, sobretudo, na classe etária jovem, a sua permissividade a um tipo de sociedade dominada pelo consumo, pelo materialismo, que a relegou radicalmente da lei orgânica da vida e da natureza.

A pretensa assimilação de que a própria ONU se faz eco, através do reconhecimento, a nível mundial, da casta cigana como uma minoria, confirma o perigo que ronda a integridade da etnia cigana. Uma assimilação deste tipo equivaleria provavelmente à morte cultural dos ciganos, ao seu etnocídio. E mesmo que este espaço de assimilação pudesse contribuir para uma melhoria das condições de vida desta raça (do que duvidamos) o preço seria demasiado elevado, pois poderia corresponder ao extermínio daquilo que os ciganos possuem de mais sagrado. Ao deixar-se assimilar, o nobre cigano, apenas tolerado, veria corrompida a sua identidade e não passaria de um "branco de segunda", como disse alguém.

E é por isso que os velhos patriarcas assistem angustiados à substituição crescente do nomadismo itinerante, imerso na natureza, pelo sedentarismo convival numa sociedade consumista, "a substituição do cavalo pelo veículo motorizado, do caldeirão ancestral pelo fogão eléctrico ou a gaz, da caravana móvel pelo apartamento, da mulher respeitada pela meretriz pública."

Os velhos patriarcas sentem, talvez, em tudo isto, os tristes sinais de desagregação e desaparecimento da sua raça, os sinais de que o fim dos tempos se aproxima.

Na sua diáspora, na sua itinerância pelo mundo, os ciganos contribuíram, enriqueceram o património cultural com a sua arte, o seu canto, a sua música, as suas danças. Pastores, viandantes observando as estrelas que serviram de luzeiros orientadores dos seus caminhos, coligiram e transmitiram, através de incontáveis gerações, os conhecimentos que prepararam a astrologia para a sua idade dourada, no séc. VI A.C., nos trouxeram também a sua herança das medicinas naturais, da quiromancia, dos mistérios do fogo.

Tshalai afirma: "Não inventámos, nem um alfabeto, nem uma religião, não criámos um grande poeta heróico, nem um grande legislador, nem um soberano pacificador, nem um chefe de guerra, nem um mito universal... Nada, nenhum traço tangível. O canto profundo do sangue e da memória não se traduz. Nós passámos como o vento sobre o lago do mundo: sem marcá-lo"

Sim, os Filhos do Vento, não criaram qualquer mito, pois eles são em si mesmos um enigma e um mito; não têm uma história, porque "o canto profundo do sangue e da memória não se traduz". Os Filhos do Vento, nunca quiseram, nunca precisaram de provar fosse o que fosse, porque sempre viveram com a sua própria verdade. Eles têm passado como o vento sobre as coisas deste mundo porque os Rom **NÃO SÃO DESTE MUNDO!**

E quando o final dos tempos, já iminente, quando o seu Homem-Carvalho vier, eles partirão, sem deixar qualquer marca no lago do mundo, para a sua pátria perdida sob as camadas subterrâneas. Esgotada a sua penitência, fatigados da sua longa peregrinação pelos caminhos da planície e montes da Terra, regressarão, enfim, à pátria adorada, essa "terra fértil e boa" que lhes está prometida. E, no entanto, não terá sido vã a sua passagem entre nós. Como cantava Lavengr, um cigano: "a vida é uma querida irmã. Existem o irmão dia e a irmã noite, ambos queridos; sol, lua, estrelas, todas coisas tão queridas; existe também um vento que sopra da charneca."

Antes de finalizarmos, ouçamos ainda um poema do Rom Tschalai, intitulado

MEUS IRMÃOS

Eles possuíam olhos de noite, meus irmãos
como se fossem talhados num diamante negro

Eles tinham cabelos de lua, meus irmãos
que luziam azuis com todas as neblinas

Eles possuíam dentes de lobo, meus irmãos
lindos dentes cerrados sobre a sua fome

Eles possuíam mãos terríveis, meus irmãos
o mundo se enovelava nos seus dedos

Eles partiram por todos os caminhos, meus irmãos
eram quentes como o fogo, frescos como o vento.

Deixai-me tocar vossos cabelos, vossos cílios, vossos lábios,
escrutar a palma das vossas mãos

Nada mais faço que buscar por todo o lado.
Poder viver, meus irmãos, é saber amar.

Eles partiram sobre todos os caminhos
mas eu os encontro em cada espelho, meus irmãos!

Tschalai ultrapassa o imediatismo do seu próprio poema. Se o espelho se volve um instrumento de iluminação, porque reflecte a luz e a verdade da imagem que se projecta, se o espelho é uma porta mágica que abre para Tschalai um inter-face para outras realidades e dimensões, por certo que a sua nobre raça encontrará, também, o Portal de Passagem!

SINTRA

Equinócio da Primavera 1992

Olímpio Neves Gonçalves

(membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose)

BIBLIOGRAFIA:

"A Medicina Secreta dos Ciganos", Pierre Derlon

"Tradições Ocultas dos Ciganos", Pierre Derlon

"O Testamento Mágico dos Ciganos", E. Leão Maia

"Ciganos e Itinerantes", Jean-Pierre Liégois

"Tzigane Tarot (Tarot dos Roms)", Tchalai

APÊNDICE:

LISTA DOS ARCANOS DO TAROT ESOTÉRICO DOS CIGANOS INTITULADA:

SÉRIE DE VIAGEM OU PORTAS DOS MISTÉRIOS

- 1 - ASHOK CHAKRA (A RODA DAS ORIGENS)
- 2 - O KUKHAN (O KUKANE E AS TRÊS DEUSAS)
- 3 - E PHURI DAI (A QUE SABE)
- 4 - E DRABARNI (A LEDORA DA SORTE)
- 5 - O VATASH ROMENGORO (O CHEFE DOS ROM)
- 6 - FRALIPÉ ROMANI (A FRATERNIDADE DOS ROM)
- 7 - O THAGAR LUMEAKI (O REI DO MUNDO)
- 8 - O GRAST (O CAVALO)
- 9 - E PUSKARIA (A ILHA)
- 10 - MARIPÉ TARAÏM (BATALHA DE TERAÏN) - referência à batalha que esteve na origem da sua expulsão
- 11 - AGGARTTI (O PAÍS OCULTO, A VERDADE)
- 12 - SAMBALLA (O VALE DA FELICIDADE)
- 13 - O NIGLO (O OURIÇO CACHEIRO)
- 14 - O BERO (O URSO)
- 15 - O SAP (A SERPENTE)
- 16 - O KHER (A CASA)
- 17 - O VURDON (A CARAVANA)
- 18 - LOTCHOLIKOS (ESPIRITOS ELEMENTAIS)
- 19 - O KHAM (O SOL DAS ESTRADAS)
- 20 - O SHON (A LUA)
- 21 - O GEAPÉ VIMANAKI (O REGRESSO DO VIMANA, DISCO VOADOR)
- 22 - TATAGHI (O CORAÇÃO DO FOGO)

TATAGHI, segundo a descrição da lâmina, mostra o retorno do Rom à sua viagem cósmica e divina. Refere-se, evidentemente, ao *Interior da Terra*.

Gostaria de ser membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose?

São fins específicos da Comunidade Portuguesa de Eubiose promover o estudo, a vivência e a difusão da Eubiose tal como é postulada na Doutrina Eubiótica, pelos seguintes meios:

Desenvolver as tendências, atributos e virtualidades superiores, latentes no homem, de acordo com a tónica de Aquarius e a sua biorrítmica;

Consagrar objectivamente os cânones e características específicas da Nova Era cuja consecução será a Sinarquia Universal;

Contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos da Humanidade à luz da conceituação do Novo Humanismo e Renascentismo Aquarianos.

A Comunidade é rigorosamente neutra em matéria de natureza política e religiosa, não visando fins lucrativos.

Se está em consonância com estes princípios, solicite sem qualquer compromisso o questionário de ingresso.



Comunidade Portuguesa de Eubiose

www.cpeubiose.org

Apartado 4175

1504-001 LISBOA

info@cpeubiose.org